

Aventura limitada

Categories : [Reportagens](#)

Esportes de aventura são a melhor maneira de entrar em contato com a natureza e preservar a saúde, certo? Nem sempre. Praticantes de diferentes modalidades já passaram por experiências desagradáveis e até perigosas por descuido ou extrema confiança nas suas habilidades. Na terra, na água ou no ar é sempre necessário estar com o melhor domínio possível da situação e ser sensato na hora de avaliar os riscos que você vai correr.

Voar de parapente parece uma atividade tranqüila mas Ruy Marra (*foto*), duas vezes campeão brasileiro de vôo livre, se lembra do sufoco que passou no campeonato mundial que participou na Suíça em 1993. Uma empresa austríaca ofereceu a Ruy um novo protótipo, ou seja, um novo parapente, um dia antes do início da competição. Ele ficou animado com a possibilidade de estreiar um equipamento inédito mesmo tendo apenas 24 horas para se adaptar. Não deu certo. Ruy teve dificuldade para fazer curvas com o novo parapente, que é uma manobra essencial para pegar carona nas correntes de ar ascendentes e ganhar altitude. Depois de dois dias tentando dominar o protótipo, o esportista teve que abrir o pára-quedas reserva e dar adeus a chance de ser o campeão daquele ano.

“Graças à minha ambição desenfreada, não respeitei nenhuma norma de segurança e terminei fora da competição”, reconhece ele. Mesmo sem o sonhado título, Ruy disse que teve sorte. Em 24 anos de vôo livre, já presenciou a morte de mais de 20 profissionais em plena atividade.

No mergulho, o excesso de confiança também pode custar a vida. Heron César, instrutor profissional, morreu há oito anos enquanto praticava apnéia, mergulho sem equipamento no qual o praticante utiliza apenas o ar do pulmão. Ele estava com um grupo num barco se preparando para mais um passeio ao fundo do mar no litoral norte de Pernambuco. Enquanto seus alunos aprontavam o material para a descida, Heron decidiu praticar apnéia sozinho.

Como demorava muito para subir, outro instrutor resolveu ir procurá-lo. Encontrou o corpo já sem vida. Heron usava um cinto com pesos de chumbo, o chamado cinto de lastro, muito utilizado para ajudar a manter o corpo submerso. O aparato pode ter dificultado sua subida. Ana Emília Alencar era uma das alunas no barco. “Foi imprudência mesmo, acho que ele confiou demais nos seus pulmões, tanto que quando o corpo foi achado ele não estava preso a nada”, lembra.

Em casos como esse, o mergulhador desmaia antes de chegar à superfície e seu corpo é puxado para o fundo pelo lastro. Apesar de Heron dominar a técnica, alguns erros podem ser apontados na sua ação. Segundo Vinícius Ribeiro, instrutor de mergulho no Rio de Janeiro, o mergulho deve ser sempre praticado em duplas. “O companheiro pode ajudar o outro em qualquer eventualidade,

inclusive apagamento”. Outro possível problema apontado por Vinícius é o peso do cinto. Ele disse que no nordeste do Brasil não é necessário usar mais que dois quilos de lastro. Peso maior que este pode ter contribuído para a permanência de Heron na água.

Outra história que quase termina mal por uma avaliação errada foi vivenciada por Ana Araujo (*foto*), colunista de **O Eco**. Ela se arriscou ao decidir emendar duas escaladas, totalizando 36 horas sem dormir. Depois de ter escalado a face sul do Pão de Açúcar, Ana recebeu um convite “irrecusável” para subir o Dedo de Deus, em Teresópolis. Para fugir do sol, a empreitada seria feita de madrugada. “Eu aceitei porque sempre fui louca para fazer esta escalada”. Foi para casa, arrumou o equipamento e às duas da manhã já estava na trilha.

Por estar muito cansada e pelo fato de não ter muita experiência na época, Ana fez muito mais esforço do que o necessário. Cochilou várias vezes nas paradas durante a subida e chegou ao ponto de pensar ter atingido o limite máximo de seu corpo. Todo o cansaço, porém, foi vencido quando ela avistou o cume. “Essa vitória me deu ânimo para terminar a viagem. Foi uma seqüência de descidas em rapel, cabos de aço e muita trilha”, conta.

Apesar de ter saído ilesa, a montanhista reconhece suas falhas. Colocou sua vida e de seus companheiros em perigo porque não conhecia a trilha e subestimou o grau de dificuldade da pedra. “Fiz tudo na empolgação. Hoje prezo muito uma boa alimentação, o descanso e o planejamento, acima de tudo”, ensina.

Pablo Fernandes foi outro que comprometeu sua diversão por falta de planejamento. Em 2000, ele e um grupo de amigos decidiram fazer sua primeira grande trilha na Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro. Compraram comida, arrumaram o equipamento e se mandaram para Angra dos Reis. Esqueceram apenas de planejar o caminho que percorreriam. Não sabiam onde pegar água, onde podiam acampar e quanto tempo levariam para completar o percurso da Praia de Palma a Aventureiro.

Segundo Pablo, se não fosse pelas dicas que receberam de outras pessoas que estavam fazendo a mesma trilha, eles teriam se perdido no meio do mato, tomado água contaminada e passado a noite sem lugar para montar a barraca. Hoje, ele se arrepende de não ter planejado melhor a viagem. “O ideal seria que a gente tivesse chegado uns dias antes e conversado com o pessoal local para saber o que fazer”, reconhece.